

**Resumo:** Este artigo tem a intenção de fazer ecoar o apelo lançado pelo Secretário Geral da CNBB, Dom Dimas Lara Barbosa, na apresentação do Texto-Base da Campanha da Fraternidade 2011 a respeito da missão da Igreja samaritana no mundo que sofre. A partir de seis palavras-chave, o autor aprofunda as reflexões em torno do tema “Fraternidade e Vida no Planeta”. Cada uma dessas palavras é fundamentada em referências bíblicas, com menção especial à parábola do samaritano, por oferecer preciosas indicações à missão da Igreja nesta situação desafiante em que se encontra a terra, casa comum de todos os povos. As “dores de parto” pelas quais passa a criação nos interpelam à cor-responsabilidade, na viva esperança de um novo mundo. A bondade de Deus reflete-se em todas as suas criaturas. Formamos um só corpo. Estamos intimamente relacionados. A vida no planeta terra está condicionada pela ação respeitosa e solidária do ser humano com todas as coisas. A Igreja samaritana testemunha a gratuidade de Deus pela prática do amor incondicional. Recria, em cada local, as condições para a vida digna sem exclusão.

**Abstract:** The article intends to respond to the call heralded by the bishop Dimas Lara Barbosa, secretary general of the CNBB, on the occasion of the publication of the platform concerning the CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2011 focusing on the task of the Church like the Good Samaritan in solidarity with the suffering world. In the light of six key-words the author delves into specific themes dealing with “Fraternity and Life on this Planet”. Each of these words is framed by biblical references, with special attention to the parable of the Good Samaritan. In this perspective worthwhile hints are offered to the mission of the Church in this challenging situation of the planet as a common place for all the peoples to live in the world. As if the earth would be suffering the pains of childbirth all the habitants are urged to exercise their responsibility to offer better conditions for a new world. The Lord’s kindness irradiates on all creatures. We are bound together as one living organism in mutual relationship and solidarity. The Church has the task to give visibility to God’s graciousness through unconditional love to Him. Thus at every place should sprout the fruits of life in dignity without restraint.

## Crise e esperança

### A CF 2011 e a Igreja Samaritana

*Celso Loraschi\**

---

\* O autor é Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos e Professor no ITESC.



“No mundo em que vivemos, somos diariamente interpelados por tantos rostos sofredores, que clamam por nossa solidariedade. A Igreja samaritana não pode passar adiante, na presença de tantos irmãos e irmãs que dela esperam acolhida fraterna, ombro amigo, mãos generosas...”. Esse apelo encontra-se na apresentação do Texto-Base (TB) da Campanha da Fraternidade (CF) 2011, elaborado por Dom Dimas Lara Barbosa, Secretário Geral da CNBB. Inspira-se no episódio do samaritano solidário, narrado no Evangelho de Lucas (10,25-37). Funciona como fio condutor de toda a reflexão em torno do tema: “Fraternidade e Vida no Planeta”.

De fato, as consequências do aquecimento global afetam a vida de multidões de pessoas no mundo inteiro. São situações que reclamam por providências imediatas. Diante da vida ameaçada, é necessário acionar a força da compaixão capaz de nos fazer abandonar projetos pessoais, para priorizar atitudes de cuidado coletivo.

A ONU já promoveu 16 Conferências para as Mudanças Climáticas. A última Conferência (COP-16) se deu em Cancun, no México, nos dias 29 de novembro a 10 de dezembro de 2010, com representantes de 194 países. É impressionante como as declarações e acordos resultantes desses encontros são praticamente inócuos. De fato, constata-se que os governos das nações estão engessados aos interesses do grande capital, interesses que se alicerçam no crescimento a qualquer custo.

*Cancun foi a arte do possível em uma conjuntura desfavorável às propostas do movimento ecológico. A situação segue como dantes: a crise ecológica se estende rapidamente e os segmentos sociais conscientes desse fato não conseguem infletir a tendência. Enquanto isso, os responsáveis pelo sistema social resistem às mudanças indispensáveis à preservação da vida. Ainda há muita água para passar em baixo da ponte, até que sejam tomadas soluções à altura do desafio. O movimento ecológico deverá fazer prova de que é politicamente capaz de propor soluções e sensibilizar a população.<sup>1</sup>*

O primeiro objetivo específico da CF 2011 expressa exatamente a intenção de “viabilizar meios para a formação da consciência ambiental...”. Une-se, assim, ao movimento ecológico mundial dinamizado por milhares de pessoas, grupos e instituições civis e religiosas. A gravidade

<sup>1</sup> TARQUINIO, Tomás Togni. *Cop-16-conferencia-de-cancun-um-pequeno-passo-adiante*, [www.ecodebate.com.br](http://www.ecodebate.com.br). Acesso em 17 de dezembro de 2010.



da situação exige urgente tomada de posição de todas as pessoas de boa vontade. É uma questão de bom senso que implica na adoção de atitudes éticas, promotoras de condições de vida digna na casa comum de todos os povos. A Igreja, seguindo a Jesus de Nazaré, atualiza o gesto do samaritano solidário, dando prioridade ao resgate da vida ameaçada. A partir de algumas palavras-chave, queremos contribuir nesta reflexão sobre a “Fraternidade e Vida no Planeta” visando despertar a esperança militante.

## 1 Em dores de parto

*A criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus... na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto... (Rm 8,19-22).*

O lema escolhido pela CF 2011 aponta para uma realidade de sofrimento pela qual passa a criação. É consequência da transgressão humana descrita em Gn 3. “A queda dos seres humanos tem por consequência a queda de toda a criação... A relação para com ela passa a ser de exploração, fadiga e indiferença”<sup>2</sup>. No entanto, dentro do mesmo espírito em que Paulo escreveu à comunidade cristã de Roma, com a certeza da redenção trazida por Jesus Cristo, esse sofrimento é prenúncio de uma nova vida. Os seres humanos podem aguardar a libertação em atitude de viva esperança, deixando-se conduzir pelo Espírito de Deus e não pelos desejos da carne. Ele explica: “O desejo da carne é a morte, ao passo que o desejo do espírito é a vida e a paz” (Rm 8,6).

No contexto atual, podemos interpretar os termos paulinos “carne” e “espírito” como duas orientações fundamentais para a nossa vida: ou seguimos o caminho da vida pela prática do amor ou seguimos o caminho da morte pela prática do egoísmo. Em outras palavras, são dois projetos que se opõem, movidos por agentes humanos com diferentes interesses. As consequências de cada um desses projetos são percebidas no cotidiano da nossa vida, desde o âmbito familiar até o global.

A missão da Igreja é anunciar a Boa Notícia da vida e da paz a todos os povos. Por isso mesmo, acolhendo as dores da humanidade,

<sup>2</sup> REIMER, Ivoni Richter. *Criação e Bíblia*, in “Ecologia: cuidar da vida e da integridade da criação”, Curso de Verão, Ano XX, São Paulo: CESEP e Paulus, 2005, p. 139.



perscruta o plano de Deus, o qual estabeleceu uma Aliança com o seu povo e comprometeu-se a cuidar dele. Deixa-se interpelar por sua Palavra e inquieta-se com a resposta que deve ser dada com toda convicção.

*Que me restava ainda fazer à minha vinha que não tenha feito? Por que, quando esperava que ela desse uvas boas, deu apenas uvas azedas?... Deles esperava o direito, mas o que produziram foi a transgressão; esperava a justiça, mas o que apareceu foram gritos de desespero (Is 5,4.7b).*

A igreja é herdeira da tradição profética. Como fez Isaías, ela não pode calar diante dos problemas que ferem a dignidade humana e de toda a criação. Preocupa-se, em primeiro lugar, com as causas do sofrimento. A principal delas é o sistema econômico atual, por ser “altamente concentrador e gerador de disparidades, quer a nível internacional, quer no interior das sociedades...” (TB, 90); caracteriza-se pela produção de bens em escala infinita, condicionando “o consumo compulsivo, inclusive de produtos supérfluos...” (TB, 25); apossa-se das fontes não renováveis oferecidas pela natureza, sem dar-se conta de que sua quantidade é limitada e, portanto, seu esgotamento com funestas consequências já se faz sentir: “destruição das florestas e da flora em geral, contaminação de solos e águas, danos à saúde humana, deterioração de edificações etc...” (TB, 34); prioriza, como acontece no Brasil com o Plano de Aceleração ao Crescimento (PAC), os projetos de grandes e pequenas hidroelétricas, ignorando “o potencial oferecido pelo nosso imenso território para a implementação e expansão da energia solar e da eólica” (TB, 41); o agronegócio “foi desenhado para os grandes produtores... desmata impiedosamente... e não tem nenhuma sensibilidade para com os pobres” (TB, 51 e 52); a biodiversidade encontra-se em processo de extinção acelerada e “a continuidade dessas situações pode significar a perda, em pouco tempo, de metade da diversidade atualmente existente, e seria um desastre de proporção inestimável” (TB, 64).

Essas e várias outras advertências levantadas pelo Texto-Base, a partir de estudos especializados, revelam que a natureza com o ser humano encontra-se em situação de queda. Já não consegue defender-se. Assaltado pela força dos gananciosos, o planeta Terra mal respira o hálito de vida. Necessita da atenção e do carinho da Igreja samaritana que, por força da missão herdada de Jesus de Nazaré, volta seu olhar às vítimas deste sistema econômico globalizante que almeja unicamente o lucro; solidariza-se com as dores das populações migrantes, das famílias expropriadas de suas terras e tradições, das que sofrem as consequências



da falta de água potável e de saneamento básico, das pessoas desempregadas, famintas, doentes...; denuncia as atitudes de governos e de grupos de poder que, levados pela cegueira da ambição, não se preocupam com os desdobramentos da exploração desmedida dos recursos naturais nem tampouco com a produção de alimentos para todas as pessoas.

A justiça social passa a ser retórica comumente utilizada pelos defensores do progresso ilimitado, sendo que esse mesmo progresso aprofunda a injustiça. A gravidade dessa constatação torna-se ainda mais patente ao se afirmar que um bilhão de pessoas no mundo passa fome, quando está provado que não há falta de alimento. E, tristemente, constata-se que “os governos se tornam reféns dessa lógica do capital...” (TB, 90).

*O drama não é apenas que os recursos são limitados, e que a terra já não agüenta mais a exploração atual. O drama é que as classes dirigentes, os chefes da economia, querem uma exploração mais forte ainda e um esgotamento mais rápido dos recursos naturais. Querem o aquecimento global e as perturbações climáticas, porque não querem mudar a estrutura da economia. O drama é dirigido por criminosos que dominam os chamados governos, que na realidade não governam nada.<sup>3</sup>*

Ao ler uma declaração tão contundente como esta de José Comblin, tem-se a impressão de que a vida no planeta é causa perdida. *A esperança, porém, não decepciona* (Rm 5,5). Jesus, ao contar a parábola do samaritano solidário, oferece ao seu interlocutor (um representante do poder oficial) a alternativa de libertar-se do sistema excludente em que está atado, para agir na defesa da vida das pessoas excluídas. Não basta saber quem é o próximo e quais são seus direitos legais. A questão de fundo é o que e como fazer: “*Vai, e também tu fazes o mesmo*” (Lc 10, 37). *Em dores de parto*, assumindo “*os sofrimentos do tempo presente*” (Rm 8,18), a Igreja aposta na gestação de um novo modo de ser e de agir no mundo. Exerce sua missão profética de denúncia, e nos convoca à solidariedade com toda a criação.

## 2 Bondade da criação

*Quão numerosas são tuas obras, SENHOR,  
e todas fizeste com sabedoria!  
A terra está repleta das tuas criaturas* (Sl 104,24)

<sup>3</sup> COMBLIN, José. *Deus e a Natureza*, in: Agenda Latino-Americana 2010, São Paulo: Ave-Maria, p. 25.



A primeira narrativa da criação (Gn 1,1-2,4a) resgata a bondade radical de todas as coisas a partir de sua origem comum. Os autores, imbuídos de espírito contemplativo, expressam a exultação do próprio Criador, admirado com sua obra. Após cada etapa, Ele se mostra plenamente satisfeito: “Deus viu que era bom”...

A Teologia da Criação nos ajuda a compreender os desígnios de Deus para suas criaturas. O universo não é fruto do acaso. É a concretização do desejo de Deus de comunicar sua própria vida. Portanto, todas as coisas mantêm uma íntima ligação com o seu Criador. São vestígios dele, expressão de sua bondade e de sua generosa criatividade.

A criação guarda um sentido, obedece a um plano, como expressa o Catecismo da Igreja Católica: “Não é produto de uma necessidade qualquer, de um destino cego ou do acaso. cremos que o mundo procede da vontade livre de Deus que quis fazer as criaturas participar do seu ser, da sua sabedoria e da sua bondade” (n. 295). O plano divino, interpretado dessa maneira, orienta o ser humano a acolher com gratidão todas as demais criaturas, pois tudo provém da mesma origem e participa do mesmo destino.

Deus é bom. A natureza é boa. Todas as coisas são boas. Basta pensar na beleza e importância do ar, da água, das árvores, do fogo, dos animais, dos vegetais, dos minerais, de tudo o que existe no universo... Da bondade divina recebemos também os dons da inteligência, da vontade e da liberdade, para preservar e promover a bondade de todas as criaturas. Não há argumentos que justifiquem a exploração e a destruição do que Deus nos deu para o bem de todos. “Temos muitos motivos para revalorizar a criação. Já fomos alertados com muita insistência. A terra está morrendo porque está sendo explorada de uma maneira que não consegue se recuperar. Isso constitui um desafio novo na história da humanidade”.<sup>4</sup> Oxalá a bondade divina pulsando no coração de cada um de nós possa mover a nossa inteligência, a nossa vontade e a nossa liberdade, para abraçar este novo desafio como em dores de parto, na certeza de um mundo novo!

O samaritano da parábola do Evangelho de Lucas é a própria figura de Jesus de Nazaré. Revela extrema bondade ao socorrer a natureza ferida naquele ser humano jogado à beira do caminho. Aplica seus bens e seus talentos para resgatar a vida ameaçada. O azeite e o vinho,

<sup>4</sup> COMBLIN, J., op.cit., p. 26.



naquele momento, são administrados como elementos curativos segundo as propriedades inerentes, dons divinos. Também o dinheiro tem a função social de promover a saúde e salvar a vida. Ao propor o tema da “Fraternidade e Vida no Planeta” a Igreja no Brasil revela-se consciente da “gravidade dos problemas ambientais” e pretende “trocar experiências e propor caminhos para superar os problemas” (cf. objetivos específicos). No seguimento de Jesus, é nossa missão, como Igreja, acolher os gemidos da criação e envidar todos os esforços para curar-lhe as feridas e resgatar a bondade de todas as formas de vida.

### 3 Solidariedade cósmica

*Grandes são as obras do SENHOR,  
dignas de reflexão para quem as ama.  
Sua obra é esplendor e majestade,  
E sua justiça permanece para sempre.  
Ele deixou um memorial de suas maravilhas... (Sl 111,2-4).*

Todas as criaturas foram gestadas no útero divino. Estão intimamente ligadas umas às outras. A vida de uma depende da vida das outras. Também o ser humano foi criado junto com as demais criaturas, fazendo parte da totalidade. Após a conclusão de sua obra criadora, o relato bíblico ressalta a exclamação de Deus que contempla e integra todas as coisas: “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom”. O Texto Base afirma: “Deus criou por meio de suas palavras todas as realidades, formando uma grande solidariedade cósmica” (n. 100).

Formamos uma imensa comunidade planetária, interrelacionada e interdependente.<sup>5</sup> As diferentes espécies não são criaturas autônomas. Vitalmente dependem umas das outras. Mais do que isso: há uma comunidade na diversidade. Somos UM, imagem da Trindade.

*Dessa forma, como num jogo complexo e completo de relações, no qual tudo é incluído, nada é negligenciado, tudo é valorizado e concatenado, resgatamos a concepção de Deus, como Deus-Comunhão... A natureza criada, todos nós, somos imagem de Deus Trindade. Constituímos um desdobramento dessa diversidade e dessa união. Uma verdadeira*

<sup>5</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Princípio-Terra – A volta à Terra como pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995.



*unidade na pluralidade. O mundo é assim: complexo, diverso, uno e entrelaçado. Somos espelho da Trindade. Somos Vida.*<sup>6</sup>

Em todas as tradições religiosas cultiva-se a relação com Deus para perscrutar seus desígnios e realizá-los na história. O universo é um dos veículos comuns de revelação divina. O diálogo com Deus implica o diálogo com o universo. É fonte de sabedoria. Nesse processo de dialogação o ser humano foi conhecendo o mundo e, infelizmente, passou a dominá-lo ao invés de respeitá-lo. Equivocadamente aprendemos a “amar a Deus” e desrespeitar a natureza.

Jesus, o samaritano solidário, é o modelo de relação íntima com o Pai e com tudo o que o rodeia. A parábola não é meramente fruto de uma imaginação fértil. É resultado de uma prática cotidiana. Junto às vítimas dos poderosos “assaltantes” das estâncias políticas, econômicas e religiosas, Jesus se movimenta dentro do Espírito que se desdobra em sensibilidade, carinho, acolhida, cuidado, perdão e todas as virtudes que o amor contém. A Igreja samaritana, no seguimento de Jesus, deixa-se conduzir pelo Espírito de Deus que liberta de toda escravidão e transforma a realidade. “Não recebestes um espírito de escravos..., mas um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abbá! Pai!” (Rm 8,15).

#### 4 Ser humano: senhor ou mordomo?

*Que é o ser humano...?*

*Tu o fizeste pouco menos do que um deus,  
de glória e de honra o coraste.*

*Tu o colocaste à frente das obras de tuas mãos (Sl 8,6-7).*

Os relatos da criação situam o ser humano numa relação especial com Deus: homem e mulher foram criados à sua imagem e semelhança (cf. Gn. 1,27). Também possui uma relação íntima com a terra: foi modelado por Deus com a argila do solo (cf. Gn 2,7) e foi colocado no jardim do Éden para o cultivar e guardar (cf. Gn 2,15). Ao mesmo tempo em que o ser humano faz parte do conjunto de toda a criação, recebe de Deus uma missão: é responsável pela vida, pelo bem estar e pela integridade do conjunto das criaturas.

<sup>6</sup> VIEIRA, Tarcísio Pedro. *O nosso Deus: um Deus ecológico* – Por uma compreensão ético-teológica da ecologia. São Paulo: Paulus, 1999, p. 21.





Muitas vezes se fez uso de textos sagrados para legitimar atitudes de apropriação e de exploração da natureza. A visão antropocêntrica, porém, deve dar lugar à biocêntrica. “O ser humano deve ser ‘mordomo da criação’. Sua tarefa fundamental deve ser a de ‘cultivar e guardar’” (TB, 217). Aos homens e mulheres, portanto, é confiada a missão de zelar pela natureza, de tal maneira que se cumpra a vocação para a qual foi criada: manifestar a glória de Deus. “O ser humano torna-se, através de sua missão, concriador com Deus”.<sup>7</sup>

A perda desse sentido leva a humanidade a desprezar a sua própria nobreza e dignidade. Estas somente serão cultivadas na medida em que todas as coisas sejam respeitadas, pois tudo é parte do todo. Deus “dotou o ser humano de uma vida profundamente ligada a ele, o Criador, e profundamente ligada às criaturas. Assim, a natureza não aparece como algo de externo ao ser humano, mas como um prolongamento dele próprio”.<sup>8</sup>

Nessa perspectiva entende-se melhor o sentido da advertência de não comer da “árvore do conhecimento do bem e do mal”, pois essa atitude traria a morte (cf. Gn 2,17). “Os detentores do poder quiseram comer da árvore do bem e do mal, utilizando de modo destrutivo os bens do planeta..., conforme suas leis e critérios, sem nenhum respeito pelas normas que presidem o justo e solidário relacionamento humano com o universo” (TB, 111 e 116).

Na parábola do samaritano, Jesus insere alguns personagens que revelam diferentes visões relacionadas ao próximo, e que condicionam a maneira de se comportar. Ivo Storniolo explica de forma simples e clara:

*São três compreensões diferentes, que condicionam o ser e o comportamento das pessoas. O ladrão acha que ‘o que é teu é meu’, e vive à espreita contínua do roubo e da exploração. O sacerdote e o levita acham que ‘o que é meu é meu’, e se fecham no que são e no que possuem, deixando que os outros ‘se virem’. Já o samaritano acha que ‘o que é meu é teu’, e reparte não só o seu coração, mas também o seu tempo e tudo o que possui”.<sup>9</sup>*

<sup>7</sup> VIEIRA, T., op. cit., p. 47s.

<sup>8</sup> MOSER, Antônio. *O problema ecológico e suas implicações éticas*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 41.

<sup>9</sup> STORNILOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Lucas – Os pobres constroem a nova história*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 108.



Três personagens que sintetizam o modo de comportar-se frente aos bens que Deus nos concedeu. Duas atitudes precisam ser rechaçadas: apossar-se do que é de todos e fechar-se no seu mundo, muitas vezes legitimado por uma ideologia religiosa. Torna-se imperativo, como mordomos da criação, assumir a ética do cuidado, preservando e promovendo as condições de vida sem exclusão, para o tempo presente e para o futuro.

## 5 Ética do cuidado

*Vem, meu amado, vamos ao campo, pernoitemos nas aldeias, madrugamos pelas vinhas, vejamos se a vinha floresce, se os botões se abrem, se as romeiras florescem: lá te darei meu amor...* (Ct 7,12-13).

O tema “Fraternidade e Vida no Planeta” implica na adoção da ética do cuidado. É uma questão de amor e carinho com a criação. A mulher e o homem, verdadeiramente livres, assumem a responsabilidade (imperativo moral) pela vida em todas as suas formas. Vale aqui aplicar a “regra de ouro” também com relação ao cuidado com a natureza: “Como quereis que os outros vos façam, fazei também a eles” (Lc 6,31). O bem comum humano, também o das futuras gerações, está ligado com o bem comum da comunidade cósmica. Por isso, tudo o que existe merece viver. “Pode-se aqui falar do ‘princípio responsabilidade’ como elemento fundamental da ética...” (TB, 219). Daí a importância de amorizar os gestos cotidianos. As pequenas atitudes são importantes, pois contribuem para um novo modo de ser e de viver na casa comum: o cuidado com a água, com a comida, com a energia, com a poluição, com o lixo, com o saneamento básico...

*Não se busca nem se pratica a ganância, a soberba, a morte, a violência, a diferença que desvaloriza o outro ser. As diferenças que causam opressão e sofrimento são superadas, e isso vale para todas as formas de vida, porquanto Deus dá vida a todo ser vivente, respiração e tudo mais... e nele vivemos, nos movemos e existimos (At 17,25.28)<sup>10</sup>*

O cuidado é intrínseco ao ser humano. Nele e por ele nos formamos, crescemos e nos realizamos. “Esta palavra, cuidado, no latim provém de ‘cura’, que se exerce mediante atitudes de amizade e amor...

<sup>10</sup> REIMER, Ivoni Richter. Op. cit., p. 149.



Não é exagero dizer que o cuidado é a essência do ser humano, o cuidado inclui uma dimensão ontológica” (TB, 185).

A ética ecológica possui dimensão macro-ecumênica: caracteriza-se pelo relacionamento aberto e respeitoso com o próximo: todas as pessoas de boa vontade, para além de sua pertença cultural ou religiosa, pois o que está em jogo é a promoção da vida em todas as suas dimensões. O próximo, porém, não é apenas o outro humano. É toda a alteridade. E, como já sabemos, a alteridade é extensão da nossa própria identidade. Formamos um corpo. Toda decisão a ser tomada deve considerar suas implicações com a totalidade desse corpo. Por isso, merece cuidado prioritário o membro que sofre. Em nossos dias, como enfatiza o Texto Base (n. 187), o próximo que clama por cuidado é o planeta terra.

“*Quem é o meu próximo?*” Foi para responder a esta pergunta do legista que Jesus contou a parábola do samaritano solidário. E o legista parece ter entendido: “*É aquele que usou de misericórdia para com ele*”. A misericórdia é a bondade humana acionada em favor dos necessitados. Enquanto o levita e o sacerdote fazem-se estranhos à pessoa abandonada à beira do caminho, o samaritano faz-se próximo, usando da misericórdia. A ética do cuidado pressupõe o “princípio misericórdia”. A Igreja samaritana tem consciência dessa verdade revelada pela prática de Jesus. A misericórdia derruba preconceitos, encurta as distâncias, promove a reconciliação, vence o ódio, vê a necessidade do outro, aproxima-se, cura, liberta...

## 6 O sétimo dia

O relato da criação culmina com o estabelecimento e a santificação do “sétimo dia”. É o momento da contemplação de toda a obra. É no sétimo dia “que o homem e a mulher vão reconhecer a realidade na qual vivem e perceber-se criação de Deus” (TB, 119). Essa concepção do sétimo dia desdobra-se na valorização da vida, não pela produtividade sem controle e sim pela reflexão, pelo discernimento, pela gratuidade, pela relação de reverência... Por isso, esse dia é santificado e abençoado.

O sétimo dia, portanto, refere-se a um jeito de ser e de se relacionar com todas as coisas. O descanso não é meramente uma parada no meio do ativismo: é a oportunidade de conectar-se consigo mesmo, cultivar a integridade e sentir-se parte da totalidade. O ser humano percebe-se intimamente ligado com Deus e com as demais criaturas. “Deus liga a



sua presença eterna com a sua criação transitória, está com ela e nela” (TB, 123). É uma relação de amor, de mútua acolhida, de alegria e de paz. Sim, pois o sétimo dia remete à “festa da criação. É em vista dessa festa que Deus criou o céu e a terra e tudo o que neles existe” (TB, 122).

No capítulo 16 do livro do Êxodo nos deparamos com o episódio do maná e das codornizes, alimentos que Deus garantiu para o povo em caminhada pelo deserto. A própria natureza oferece cotidianamente esses alimentos, que devem ser recolhidos e partilhados conforme a necessidade de cada pessoa. No sexto dia, por ordem divina, o povo devia recolher também para o sétimo dia, pois este seria de descanso sagrado. O legítimo esforço humano para suprir suas necessidades não pode ser suplantado pela ganância. Violar o sétimo dia significa desejar o acúmulo em detrimento das relações justas e fraternas. Deus é providente, mas não tolera a acumulação. Alguns acumularam, “porém deu vermes e cheirava mal” (Ex 16,20). Sem dúvida, uma importante lição para hoje: “Provavelmente Deus perguntaria: até quando vocês vão desprezar a natureza, pela ambição de acumular e gastar, e assim, fazer apodrecer o planeta irresponsavelmente?” (TB, 135).

No tempo de Jesus, o sentido original do sétimo dia fora totalmente distorcido pelo sistema legalista do Templo. Fora transformado num mecanismo de controle e de exploração sobre o povo. Jesus resgata o significado verdadeiro do sétimo dia, fazendo o bem e salvando vidas (cf. Mc 3,4). Ele é o samaritano solidário, uma pessoa capaz de sensibilidade. Dedicou seu tempo prioritariamente para a libertação e a dignificação da vida. O uso do seu tempo não está impulsionado pela ótica da produção, e sim da gratuidade amorosa.

A Igreja samaritana testemunha a gratuidade de Deus pela prática do amor incondicional. Recria, em cada local, as condições para a vida digna sem exclusão. “O cuidado com o ambiente pode e deve ser hoje uma resposta ao amor redentor de Deus. Com o Criador podemos e devemos ser cuidadores, ajudando a salvar e a dignificar o direito e a dignidade de vida...” (TB, 215).



## Para prosseguir

A Carta da Terra<sup>11</sup>, redigida por uma Comissão Internacional após um debate de 10 anos e apresentada durante a ECO-92, no Rio de Janeiro, em seu preâmbulo, adverte e desafia:

*Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida em que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos universais, na justiça econômica e numa cultura de paz...*

Cada um de nós é capaz de cooperação, de solidariedade, de carinho, de veneração, de cuidado, de relações justas e fraternas. A comunidade humana global será certamente melhor se, nas pequenas comunidades – família, rua, bairro e município –, cuidarmos de nossa casa comum com a mesma atenção e carinho com que cuidamos do nosso próprio corpo. Para isso, como alertou João Paulo II, “simplicidade, moderação e disciplina, bem como um espírito de sacrifício, precisam tornar-se parte de nossa vida cotidiana, para que não sofram todos as consequências negativas dos hábitos descuidados de alguns”.<sup>12</sup>

A esperança militante concretiza-se no amor cotidiano. O maior de todos os mandamentos se torna condição indispensável para salvar a Vida no Planeta. O imperativo de Jesus: “Vai e faz o mesmo” nos lança à prática do amor fraterno não apenas entre os humanos, mas com todas as criaturas. Esse é o caminho de redenção do mundo. O amor é o princípio que fundamenta a espiritualidade ecológica, patrimônio de todos os povos e de todas as religiões. O amor ao próximo nos leva a acolher o grito da terra, do ar, das águas, dos animais, das florestas... Somos irmãos! Somos membros de um único corpo! Aprendamos uns dos outros e salvemo-nos mutuamente!

<sup>11</sup> Reproduzida no livro de BOFF, Leonardo. *Do Iceberg à Arca de Noé – O nascimento de uma ética planetária*, Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

<sup>12</sup> João Paulo II. *Paz com Deus, Paz com toda a criação*. Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1990.



Para prosseguir, uma prece do povo indígena Ute, da América do Norte:<sup>13</sup>

*Terra, ensina-me a quietude,  
como a relva é silenciada pela luz.  
Terra, ensina-me a sofrer;  
como as velhas pedras sofrem com a lembrança.  
Terra, ensina-me a humildade,  
como as flores são humildes em seus primórdios.  
Terra, ensina-me a acarinhar,  
como a mãe que envolve seu bebê.  
Terra, ensina-me a coragem,  
como a árvore que se eleva solitária.  
Terra, ensina-me a limitação,  
como a formiga que rasteja no solo.  
Terra, ensina-me a liberdade,  
como a águia que paira no céu.  
Terra, ensina-me a resignação,  
como as folhas que morrem no outono.  
Terra, ensina-me a regeneração,  
como a semente que brota na primavera.  
Terra, ensina-me a esquecer de mim mesmo,  
como a neve que derrete esquece sua vida.  
Terra, ensina-me a lembrar da bondade,  
como os campos áridos choram com a chuva.*

**Endereço do autor:**

Rua Maurício Spalding de Souza,  
465, casa 01  
Bairro Santa Mônica  
CEP: 88035-110 Florianópolis, SC  
E-mail: loraschi@itesc.org.br

<sup>13</sup> Cf. NOVAK, Philip. *A Sabedoria do Mundo* – Textos sagrados sobre as religiões universais, Rio de Janeiro: Nova Era, 1999, p. 387.